



Mendigo

Não raras vezes vemos chegar a nossas casas individuos maltrapilhos, esfomeados e defeituosos, que, com voz repassada de sofrimento, nos supplicam uma esmola: são mendigos. Um tostão, um pão, uma roupa, qualquer coisa lhes serve, pois que, com o tostão ganho aqui e acolá, pagaram o rancho miseravel e immundo onde habitam; com o pão matarão a fome cruciante que os atormenta; com a roupa substituirão o andrajo immundo com que cobrem o corpo esqueletrico e alquebrado.

Camminham elles com esforço inaudito, parando de porta em porta, para implorar um obolo.

Muitas vezes esses infelizes não têm só de manter se, mas também a mulher que jaz no leito de dôr, ou as criancinhas candidas e innocentes, que ainda não comprehendem as difficuldades da vida. São de tenra idade e ignoram com que sacrificio, seu paé ou sua mãe as sustentam.

Quantas vezes não vemos um pedinte chegar exausto a uma porta e com voz transpassada de dôr, pedir um pão para alliviar a fome, um trapo para se abrigar das intemperies, e ao envez de receber a esmola sup-

placada ser estúpida e grosseiramente repellido e encootado.
É o misero sem lamentos, fanga, vai aos tranços bater em
outra porta onde o mesmo destino o espera.

Assim vão vivendo elles.

Quão negra e amarga é a existencia desses
infelizes para quem o destino foi tão avaro e impiedoso!

Nascem na miseria, vivem na pobreza, e mor-
rem na penuria, sem ter quem os proteja, consôle e
anime.

Senhamos piedade delles e não lhes neguemos
nunca, o nosso obolo e o nosso carinho.

Odulia de Souza Galbi.

1.º Anno Complementar feminino.

Piracicaba, 15 - Novembro de 1.922.